

JOSÉ DO PATROCÍNIO: VIAGEM AO NORDESTE E O PIONEIRISMO LITERÁRIO

Matheus Muniz*

“É um quadro verdadeiramente triste ver as pobres mães e pais [...], carregando nos braços, [...], ossadzinhas quase sem forças para vagirem, mumiazinhas farrapilhas ou nuas que pedem pão”.

José do Patrocínio, *Da Corte a Maceió*

INTRODUÇÃO

Durante a calamitosa seca que assolou o Nordeste brasileiro entre 1877 e 1879, um proeminente repórter residente da Corte brasileira no Rio de Janeiro, embarca para uma viagem a fim de testemunhar as desgraças que a fome estava causando nesta região.

José do Patrocínio embarca a bordo de um navio movido a vapor para uma expedição de três meses, custeadas pelo jornal no qual trabalhava: *Gazeta de Notícias*. Durante esse período, relatou tudo o que presenciou em seu diário que, posteriormente, se transformou em crônicas que seriam publicadas pelo periódico. Criticou o Império que demorou em se envolver na causa nordestina e entrou para a história por escrever um marco na literatura brasileira, o romance precursor do regionalismo: *Os Retirantes*.

O presente artigo tem como objetivo analisar os fatos que levaram José do Patrocínio a realizar tal viagem e a escrever este romance. Considerando os fatos históricos da época até uma comparação entre as crônicas intituladas *Viagem ao Norte* e como utilizou das experiências no Ceará para escrever a obra literária.

*Estudante do quinto período do Curso de Relações Internacionais na Faculdade Damas.

O IMPÉRIO, O INÍCIO DA SECA E JOSÉ DO PATROCÍNIO

Ano de 1877, o Brasil era um vasto Império que se estendia por boa parte do continente sul-americano. Desde a sua independência, em 1822, dois monarcas tiveram o poder em suas mãos. O primeiro foi o proclamador da independência Dom Pedro I que governou o país por apenas nove anos, quando abdicou do trono em favor do filho Pedro II. Dado o seu tamanho territorial continental, era muito difícil de governar uma nação sem os avanços tecnológicos, sobretudo os das telecomunicações, que desfrutamos hoje em dia. Com isso, as subdivisões políticas do Império, ou melhor, as províncias gozavam de certa autonomia em relação ao Governo imperial.

Entretanto, tal autonomia se transformou numa desgraça para os governantes dessas províncias. O Norte do Brasil, mais precisamente o Nordeste, sofria com uma seca devastadora proveniente de um fenômeno climático chamado de *El Niño*. Neste cenário, as províncias do Norte, sobretudo o Ceará, tiveram de recorrer à ajuda do Governo imperial, no envio de socorros a fim de resolver o problema que se agravava com rapidez.

Esta seca mobilizou o Brasil inteiro para solucionar o problema do Ceará. Ali, cada província começava a ser vista como uma parte de um todo maior. E, se uma parte da nação estava 'doente', todas as províncias tinham que se mobilizar. A seca colocou o Ceará como parte do corpo da pátria. (RIOS, Kênia. *A seca de 1877 e a identidade cearense*, Suplemento Literário de *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 06/11/2006)

Após a Guerra do Paraguai, entre 1865 e 1870, a sua imagem foi severamente comprometida, pois os custos com as batalhas foram altíssimos, os índices de mortalidade elevados e para reforçar o Exército, que já não contava mais com

voluntários, dada a impopularidade do conflito, diversos negros foram alforriados para servirem nos frentes de batalha.

Com o acirramento do combate passou-se a utilizar cada vez mais a população negra na conformação do Exército brasileiro. Como condição de entrada, alforriavam-se os escravos, o que também representava um bom negócio para os senhores, indenizados ao fornecer esse tipo de “voluntário”. (SCHWARCZ, Lilia Moritz, *As Barbas do Imperador*, São Paulo, 1998, p. 468)

Ao fim da guerra, D. Pedro II se viu numa situação delicada, pois a população estava descontente com os rumos que o conflito tomou e culpavam o Imperador por ter sido irresponsável ao ter seguido na batalha.

Os anos da Guerra do Paraguai deixariam marcas profundas na representação de Dom Pedro II, que, de alguma maneira, era responsabilizado se não por tudo ao menos pelo prolongamento desgastante do conflito. (SCHWARCZ, Lilia Moritz, *As Barbas do Imperador*, São Paulo, 1998, p. 487)

Neste cenário político caótico, o Imperador tinha uma grande preocupação com as crescentes ideias abolicionistas e republicanas que afluíam nos jornais e em reuniões secretas pela Corte afora. Diversos partidos de oposição começaram a fazer voz frente a Dom Pedro II, que teve de mudar sua forma de comportamento para amenizar e apaziguar os crescentes opositores do Império.

Nesse ínterim, o monarca reinicia seus compromissos corriqueiros e inaugura outros. Cada vez mais afastado das festas oficiais, dos bailes da elite carioca e mesmo das festas populares, Dom Pedro II começava a se portar e a se vestir como um “monarcacidadão”, inspirado no seu contraparente Luís Filipe, que nesse contexto já não era mais rei da França. (SCHWARCZ, Lilia Moritz, *As Barbas do Imperador*, São Paulo, 1998, p. 489)

Mesmo com essa nova figuração, os líderes dos ideais abolicionistas cresciam e espalhavam suas ideias na Corte através dos periódicos que circulavam no Rio de Janeiro. Dentre esses proeminentes abolicionistas, um negro vindo da cidade de Campos dos Goitacazes no Norte fluminense, se destacou em meio à crescente popularidade que o movimento ia tomando. Seu nome: José do Patrocínio.

Nascido do ventre de uma negra alforriada e de um padre católico, Patrocínio era uma pessoa *sui generis* para a sua época. Apesar de ser negro, conseguiu espaço na sociedade carioca devido aos seus importantes trabalhos como redator da *Gazeta de Notícias*, inovador jornal da época que publicava além de notícias e debates de grandes temas nacionais, literatura em forma de folhetim, tornando-se bastante popular entre os habitantes da Corte.

À época, Patrocínio usava seu status na sociedade carioca e seu prestígio como jornalista para disseminar as ideias abolicionistas e criticar a Monarquia imperial que atrasava o país e o condenava a um futuro incerto. Seus textos eram escritos de forma a chamar a atenção do leitor e chocá-lo, para que repensasse em seus conceitos acerca da ideia redigida. Desta forma, conseguia escrever textos bem peculiares utilizando técnicas ainda não tão populares à época, como pode ser lido nesta passagem escrita pelo cientista político e historiador brasileiro José Murilo de Carvalho. Descreve Patrocínio em seu texto *Com o coração nos lábios*:

A marca dessas determinações variadas, às vezes contraditórias, combinava-se em Patrocínio com um temperamento apaixonado e explosivo. Momentos de grande cólera eram seguidos de outros de imensa ternura. Sua reconhecida generosidade era tisonada por acusações de desonestidade e venalidade feitas com insistência pelos inimigos. A absoluta coerência e a constância na luta pela abolição não se repetiam em relação a outras causas, como a da República, e com amigos e inimigos. O produto de tudo isto era uma apurada sensibilidade para captar as contradições da época e a capacidade para encarná-las na própria personalidade.

Patrocínio era um vulcão de paixões que despertava grandes entusiasmos e grandes aversões. (CARVALHO, José Murilo de. *Com o coração nos lábios*, Rio de Janeiro, 1996)

Todavia, essa fase abolicionista em José do Patrocínio só tomará tais proporções após o fim da década de 70, quando seus companheiros de ideal se unem para derrubar as leis de escravidão e a Lei Áurea vem a ser assinada pela Princesa Isabel em 1888. Até lá, Patrocínio se engajou em outro problema que atingia brasileiros desfavorecidos, a questão da seca nas províncias do Norte.

A situação, como dita anteriormente, era de calamidade pública com proporções imensuráveis, porém, dada a distância das províncias do Norte as notícias demoravam a chegar, sabia-se apenas que a mortalidade entre a população local era muito alta e que as doenças se haviam propagado de forma impressionante. Só se sabia que uma tragédia sem precedentes estava em curso¹; Em meio a esse problema que aos poucos ia sendo conhecido pela população carioca, o Imperador permanecia inerte como descreve Schwarcz em seu livro: “Os graves problemas que assolavam o país, [...], ou a terrível seca de 1877, pareciam não afetá-lo”.²

A situação que o Nordeste enfrentava não era única. Quase que todo o Hemisfério Sul do Globo enfrentava uma situação similar devido ao fenômeno climático El Niño.

Coincidentemente, quando da seca de 1877-1879, foi registrado impressionante aquecimento das águas do Pacífico sul-americano, devido incríveis erupções vulcânicas submarinas no círculo do fogo que circunda o continente americano. (CARDOSO, José Romero Araújo. *Cento e trinta anos do início da grande seca de 1877-1879*, 2007)

¹ CASTRO NEVES, Francisco de. *A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará*, Niterói, 2007.

² SCHWARCZ, Lilia Moritz, *As Barbas do Imperador*, São Paulo, 1998, p.600.

Como boa parte do mundo no século XIX era composta de colônias, sobretudo o Hemisfério ao Sul da linha do Equador, as metrópoles coloniais estavam sofrendo prejuízos, pois a produção agrícola havia caído drasticamente em meio à seca que assolavam as regiões produtoras de matérias-primas. A intensidade da mudança foi tão grande e devastador a que a fome se alastrou na África, na Índia e na China.

Índia era apenas uma das regiões atingidas pela fome naquele ano. Grandes áreas da China sofreram com a seca e a perda das lavouras durante o El Niño. Pais desesperados em meio à situação vendiam e por vezes matavam seus filhos para saciar a fome. [...] milhões morriam no Brasil, Indonésia e África e em outras regiões afetadas pelo mais poderoso El Niño em 500 anos. (LINDEN, Eugene. The Global Famine of 1877 and 1899, Suplemento Literário de The Globalist, Washington, EUA, 06/11/2006)

A situação era caótica e as notícias que chegavam à Corte vindas do Norte eram desesperadoras. Os tristes relatos de que nordestinos migravam das regiões centrais para a costa à procura de ajuda começaram a comover os habitantes do Rio de Janeiro e teve início uma pressão para que o Imperador agisse a fim de sanar o caos que se instaurava na região. Os presidentes das províncias não tinham recursos para controlar a situação e tiveram de recorrer à Coroa para a providência de socorro aos míseros retirantes. Em meio à pressão política para tomar uma posição, o Imperador profere um discurso que irá ajudar os nordestinos de alguma maneira, e medidas eficazes serão tomadas para que a situação não se repita além disso. Dom Pedro II afirma que se fosse necessário venderia as joias pertencentes à Coroa para ajudar os sertanejos que padeciam em meio à seca, como Rogério Morais cita em seu texto: “Venderei a última joia de minha Coroa para que nenhum nordestino morra de fome!”³

³MORAIS, Rogério. *SUDENE: a serviço das oligarquias*. Suplemento Literário de *A Nova Democracia*, Rio de Janeiro, nº 8, 04/2003.

A partir daí, um programa de construção de açudes e sistemas de abastecimento d' água foi financiado pelo Império para prevenir o Nordeste brasileiro de outra calamidade proveniente da seca. Diversas cisternas foram construídas nas províncias que mais sofriam com as estiagens ou ao menos aliviar os prejuízos causados pelas secas.

Em maio de 1878, José do Patrocínio, vem para o Nordeste, a bordo do vapor Pará como correspondente da *Gazeta de Notícias* a fim de ver de perto os horrores causados pela estiagem que assolava as províncias do Norte e escrever um romance com o tema relacionado ao que iria presenciar na região.

VIAGEM AO NORDESTE: OS RETIRANTES E AS CRÔNICAS VIAGEM AO NORTE

A bordo do vapor Pará, José do Patrocínio viaja em companhia do Dr. Gomes do Amaral, ex-deputado geral do Pará, seus sobrinhos e um médico cujo nome não é citado. Durante a viagem, escreve crônicas a respeito de tudo o que relatou nas capitais das províncias do Norte. A primeira parada após a saída do Rio de Janeiro é na cidade de Salvador, capital da Província da Bahia. Descreve da seguinte forma o que viu no pouco tempo em que ficaram ancorados na Capital soteropolitana: “É uma cidade triste: os seus grandes sobrados de quatro andares [...], dão-lhe uma aparência de um amontoado de ruínas. [...] seguindo as ondulações dos morros em que são traçadas, exalam um mau cheiro de águas servidas”.⁴

Como todo bom jornalista, Patrocínio fazia questão de relatar todos os fatos que aconteciam, tanto a bordo quanto quando desembarcavam em alguma cidade. A situação desoladora que encontrou foi contada em linhas e expressões bem fortes e impactantes, marcas do sensacionalismo jornalístico que tomava as páginas dos periódicos cariocas em forma de folhetim.

⁴PATROCÍNIO, José do. *Da Corte a Maceió*, Recife, 1878)

Para frustração de Patrocínio, os males da seca não estavam presentes apenas na cidade baiana. Os retirantes da Província migravam para outras regiões devido a distância entre o interior e a capital. Com isso, após um dia em Salvador o Pará segue rumo a próxima capital, Maceió na Província de Alagoas.

Nessa pequena cidade portuária, o viajante Patrocínio pode ver melhor os flagelos que a seca causava à sociedade. Todavia, assim que avistou a cidade, ficou encantado com a beleza pitoresca que tinha e, principalmente, com a áurea da Capital que mesmo em tempos difíceis se mostrava mais agradável do que Salvador. “Maceió não tem o ar sorneiro e desconfortado da Bahia, sente-se que há seiva nos músculos da população”.⁵

Encanto esse que foi logo quebrado ao ver o quadro em que se encontravam os míseros retirantes:

Pelas ruas, praças, pela estrada arrasta-se tristemente o sórdido transbordamento da miséria das províncias do Norte; os míseros retirantes. Os rostos escaveirados pela fome revestem-se-lhes de um colorido ictérico. Os olhos esbugalhados, os cabelos emaranhados; os andrajos que lhes cobrem os corpos emagrecidos dão-lhes aquele ar sorneiro dos idiotas. Retardar-lhes o andar, a inchação dos pés, curva-lhes a cabeça o vexame da desgraça. (PATROCÍNIO, José do. *Da Corte a Maceió*, 1878)

Apesar de ser negro, José do Patrocínio tinha um status privilegiado perante a sociedade em que vivia. Devido à sua capacidade intelectual conquistou o respeito dentro da Corte, o que o possibilitou ter acesso às principais figuras da ordem política e intelectual do país. Em Alagoas, pode debater com os principais líderes da Província como os socorros eram prestados aos retirantes que se aglomeravam nas principais cidades.

⁵ Idem, *Ibidem*.

O modo como eram conduzidos os socorros impressionou o jornalista, que via nas medidas apenas um remédio paliativo, mantendo os sertanejos vivos, mas sem expectativa de mudança palpável, dada a situação econômica de Alagoas. Impressiona ver que mesmo naquela época com pouquíssimos recursos, havia preocupação em documentar e criar estatísticas para ajudar na organização o envio das rações – alcunha duramente criticada por Patrocínio – de um modo mais bem eficiente:

Em todas as cidades e vilas mais importantes de Alagoas há retirantes, cujo menor número são de 1000 pessoas e o maior de 6000 sustentados quase exclusivamente pelo Estado. Eis a estatística em números mais ou menos exatos: Penedo 6000, Maceió 1100, Piranhas 6000, Coruripe 3000 dentre outras. Além destes mais de 6000 têm-se internado pela província depois de obterem seis rações e um terno de roupa. (PATROCÍNIO, José do. *Da Corte a Maceió*, 1878)

Percebe-se que mesmo diante de tantas adversidades houve uma preocupação em catalogar e datar as informações em forma de estatística para melhor aproveitar a ajuda que era enviada às províncias. O Governo de Alagoas utilizou essas estatísticas colhidas para direcionar o envio dos mantimentos de acordo com a necessidade de cada região. Todavia, José do Patrocínio teceu críticas acerca do envio de tais ajudas por não acreditar que solucionariam a situação e sim, retardariam o que seria inevitável àqueles que já se encontravam à beira da morte, devido a fome voraz que passavam.

[...] a medida é tão ineficiente que, revele-nos os ilustres cavalheiros, e quase infantil, indivíduos que, açoutados pela mímica, deixam suas terras, léguas e léguas distantes [...] e chegaram afinal depauperados à capital da província, é que não puderam obter meios de subsistência [...] entender a comissão que tais indivíduos melhoram de condição logo que obtenham alimentação para seis dias é quase uma epigrama. Seis rações batam-lhe para atravessarem a estação calamitosa? Abrem-lhes as velas da terra à produção; facilitam-lhes a obtenção de trabalho em lugares

onde os braços existentes são superiores a ele? (PATROCÍNIO, José do. *Da Corte a Maceió*, 1878)

Em julho de 1878 o navio chega à cidade onde a expedição passaria maior tempo: Fortaleza. Patrocínio a descreve em sua primeira crônica na cidade intitulada *No Ceará* da seguinte forma:

A topografia da cidade é de uma regularidade extraordinária. A maior parte, edificada sobre um plano, guarda a disposição dos quadros de um tabuleiro de xadrez. As praças são muito espaçosas e arborizadas, as ruas perfeitamente retas, porém pouco arejadas. À noite uma boa iluminação estria cada uma delas com duas paralelas de luz. As edificações, porém, não se recomendam nem pelas suas condições higiênicas, nem pelo esmero arquitetônico [...] a Igreja Episcopal, tem separações para os três estados: clero, nobreza e povo. (PATROCÍNIO, José do. *No Ceará*, 1878)

Fica visível nesta passagem a importância que dava às construções arquitetônicas descrevendo os lugares como se estivesse em um ambiente totalmente diferente daquele em que vivia no Rio de Janeiro. Também é possível perceber suas primeiras observações acerca da Igreja. Patrocínio era considerado um anticlerical, sentimento esse amadurecido proveniente da sua história pessoal. Essa sua visão foi expressa nas crônicas que escreveu bem como no romance que iria escrever após a viagem.

Longos dias se passavam, Patrocínio observava com atenção os esforços do Governo em tentar encontrar uma solução palpável para o estado que a cada dia se agravava. Diariamente, chegavam mais e mais retirantes à Capital e estes, vestidos em farrapos e sem qualquer recurso, iam se espalhando pela multidão e de alguma forma tentavam encontrar socorro, principalmente para as crianças que em muitos casos não comiam há dias. Um dos primeiros contatos com os locais foi com um adolescente de 14 anos que estava deitado na escadaria de um prédio como se já estivesse morto. Essa cena

forte contada na primeira crônica *No Ceará* demonstra a preocupação que existia em socorrer os que sofriam de forma mais árdua às consequências da calamidade.

É aí a cidadela da miséria onde a resignação da penúria ouve sem protesto as calúnias da fartura, a covardia da necessidade curva-se humilde à tirania da inclemência, e a anarquia da fome sussurra a sua impotência em súplicas, lágrimas e maldições em voz baixa. Debaixo dessas palhoças em sórdido relaxamento, a população retirante espera que soe a hora em que pertencerá aos coveiros e ao esquecimento. (PATROCÍNIO, José do. *Abarracamentos e pegadorias dos retirantes na Fortaleza*, 1878)

Esses migrantes do Sertão eram instalados em abarracamentos, totalmente precários onde passavam a maior parte do dia esperando pela ração entregue pelo Governo através dos comissários. Esses encarregados em prover a população criticavam duramente o Governo imperial por não estar ajudando de forma adequada a situação dos retirantes. Em um lugar insalubre onde a morte era a companheira em todos os momentos, essa população miserável esperava dia após dia embalada pela esperança que se mostrava cada vez mais distante e impossível de se concretizar.

No estado atual de cousas é desgraçadamente regra geral haver em todos os abarracamentos nunca menos de mil pessoas doentes que ficam absolutamente à míngua: nus, sem medicamentos, sem médico, sem dieta, deitados muitas vezes, sem forro algum, sobre a terra. (PATROCÍNIO, José do. *Abarracamentos e pegadorias dos retirantes na Fortaleza*, 1878)

Com esta experiência marcante, Patrocínio teve matéria prima para escrever o primeiro romance da Escola Regionalista da literatura brasileira: *Os Retirantes*. Como já foi dito anteriormente, o propósito da ida ao Norte foi para observar a situação que a região estava passando e a partir daí escrever um romance com o tema. O escritor e acadêmico Ricardo Japiassu em seu artigo acerca da obra de José do Patrocínio afirma: “A *Gazeta de Notícias* bem informou: José do Patrocínio escreveria um romance folhetim

intitulado *Os Retirantes*, publicando, no ano seguinte, o resultado da empreitada, nos rodapés do periódico”.⁶

Dividido em dois volumes o livro conta a saga dos sertanejos da Província do Ceará e a sua dura jornada para fugir da seca e da fome mostradas de forma trágica em suas crônicas. Primeiramente o livro foi publicado sob a forma de folhetim, no jornal que Patrocínio trabalhava, a *Gazeta de Notícias*. Com isso, a história adquire um sensacionalismo intrigante e, em algumas passagens, até mesmo assustadora, características dos folhetins que utilizavam desta técnica para prender a atenção dos leitores em seguir a trama nos exemplares seguintes. Aqui uma passagem que retrata muito bem a força das palavras escritas por Patrocínio que dão ao texto uma semelhança à realidade assustadora:

Dentro da casa de Antão Ramos o saque inflamava os retirantes até a loucura. Ouvia-se o estourar das garrafas, de mistura com a vozeria e os ‘vivas’ inconscientes dos *Viriatos*. De repente a detonação de um tiro prolongou-se e um clamor uníssono da multidão aumentou. A onda entornou-se pelo interior e lá soaram gritos pedindo socorro, lamentações e ais de crianças que se esganiçavam em choros de susto e de horror. (PATROCÍNIO, José do. *Os Retirantes vol. 1*, 1973, p. 229)

O livro conta a história de uma pequena paróquia no meio do Sertão cearense no começo da grande seca de 1877-79.

Os Retirantes tematiza o processo de retirada, em que as famílias sertanejas, esgotadas todas as fontes de recursos, próprios ou distribuídos pela caridade ou pelo Governo, deixam suas pequenas cidades ou fazendas para procurar o apoio ou a ajuda do Governo na Capital da Província, Fortaleza – uma cidade de cerca de 30 mil habitantes em 1877, mas onde foram contabilizados pelo menos 114 mil

⁶ JAPIASSU, Ricardo. *Os Retirantes: precursor do Regionalismo*, 2009.

retirantes famintos e doentes em 1878. (CASTRO NEVES, Francisco de. *A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará*, Niterói, 2007)

As personagens fictícias mostram com uma verossimilhança o perfil miserável e ao mesmo tempo esperançoso dos nordestinos, sobretudo aqueles que vivem nos confins da Província. Patrocínio consegue expressar com um realismo não proveniente de um forasteiro os sentimentos e o cotidiano de um local extremamente religioso, onde os costumes da população se contrapõem com a dura necessidade de subsistência, em meio às adversidades climáticas que castigavam a região no século XIX.

[...] o pânico feriu, de improviso, a energia das populações do Sudoeste assim como a de toda a Província do Ceará. Estatelavam todas ante a perspectiva hostil do futuro, numa resignação de faquir que se imola, e, como se tivessem um prurido de angústias, recontavam-se histórias de outras épocas horrorosamente calamitosas. Demais, a superstição abriu logo as longas asas de corvo e pairou sobre os espíritos acovardados. (PATROCÍNIO, José do. *Os Retirantes vol. 1*, 1973, p. 24)

As críticas ao clero fazem parte de toda a trama do romance e que também se faz presença na crônica. Como foi dito, o autor tinha um sentimento de aversão à Igreja, era um repúdio que, por vezes, o fazia escrever com certos traços de ódio, como nesta passagem escrita em uma das crônicas no Ceará:

Os vigários do interior abandonaram as suas paróquias e vivem pela Capital a desgastar as banhas em passeios à beira mar ou em palestras nas esquinas. A epidemia dá-lhes abundância de missas do sétimo dia, e por isso mesmo fartura para o apetite clerical. (PATROCÍNIO, José do. *Ruas e praças de Fortaleza*, 1878)

No romance, Patrocínio caracteriza o vigário Paula, um dos coadjuvantes da trama, sempre de forma chula, enfatizando as piores características que um membro do clero poderia ter perante a sociedade. Porém, demonstra o que observou durante sua passagem por Fortaleza: “O vigário, por sua vez, guardava um retraimento

cavalheiresco de quem não quer incomodar. Só de vez em quando demorava o passo, e com uma voz meio autoritária, meio meiga, fazia notar as devastações da seca”.⁷

A trama tem início numa pequena paróquia no Sertão da Província do Ceará, chamada B.V., e tem como centro as abastadas famílias e seus dramas em meio à seca que tomava conta da região. Os pobres camponeses que eram os que de fato estavam sofrendo com a fome são colocados em segundo plano. Estes são distinguidos com humilhação por meio das esmolas que rogavam, degradavam-se a prostituição e aos socorros prestados pelo Império.

Nesta primeira parte a história foca na saga de Eulália e Irena, duas filhas das famílias mais influentes da paróquia e como o rumo da vida delas é modificado drasticamente. A primeira é caracterizada por Patrocínio como uma donzela sertaneja de educação cristã com atraentes feições descritas de forma bastante curiosa por utilizar uma forma proveniente da região para descrevê-la: “[...] era uma rapariga de 20 anos, porte direito como a palma da acácia, andar firme e resolutivo ao de leve sacudido, como o ramo do ingazeiro que molha a ponta na correnteza”.⁸

Adiante, Eulália é seduzida pelo vigário Paula, dando início a um romance proibido e que Patrocínio procura exprimir de forma torpe dada a sua posição anticlerical. Sua amiga Irena também cai à tentação e desperta uma paixão por um rapaz cuja família é inimiga mortal da sua. Assim se iniciam os conflitos internos das duas moças ao tentar encontrar uma solução para a situação em que se encontram.

Porém, os rumos da história sofrem uma reviravolta quando o pai de Eulália, o professor Queiroz, falece e ela e suas irmãs ficam à míngua sem o provedor de sustento para a casa. Pouco antes da morte de Queiroz, Irena e seu pai que entra na bancarrota quando perde subitamente suas referências socioeconômicas, baseadas na terra, nos

⁷ PATROCÍNIO, José do. *Os Retirantes vol. 1*, 1973, p. 27

⁸ PATROCÍNIO, José do. *Os Retirantes vol. 1*, 1973, p. 26

escravos, no gado e na produção do algodão – e passa toda a trama acompanhando o pai, já doente e cego, na busca do noivo prometido que a procurava da mesma forma.⁹

A partir daí, as suas histórias tomam rumos completamente diferentes. Eulália engravida de Paula e foge de B.V., que estava prestes a entrar no caos total com a invasão dos famintos retirantes, deixando sua família e vagando pelas escaldantes estradas do Ceará. Após uma longa jornada ela se reencontra com seus familiares em Fortaleza, onde, à falta de recursos, recorre à prostituição para poder provê-los, já que não tinha sustento algum.

Por fim, Irena, que perde o pai por causa de uma doença proveniente das condições em que estava vivendo, consegue se reencontrar com o seu abastado amante e se casam no mesmo em que Eulália fica deixada à própria sorte em meio aos retirantes, em Fortaleza, e morre tragicamente em praça pública. O vigário Paula que também foge de B.V. cassado pelos paroquianos, retoma a sua vida em Fortaleza, desfrutando das regalias que os membros do clero tinham à época.

A triste história constatada por Patrocínio é um retrato bastante interessante dos males que a fome pode causar em qualquer sociedade. A obra retrata muito bem como a seca levou àqueles que não sofriam com ela a medidas extremas em busca da sobrevivência.

Desse modo, Patrocínio tematiza o processo generalizado de degradação moral a que todos, de maneiras diferentes, estavam submetidos como resultado da seca. Os senhores, incapazes de manter o controle social e político sobre "seus" dependentes, se enfraquecem social e politicamente; os camponeses, vagando sem senhores pelas estradas ressequidas, degradam-se na luta desesperada pela vida. (CASTRO NEVES, Francisco de. *A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará*, Niterói, 2007)

⁹CASTRO NEVES, Francisco de. *A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará*, Niterói, 2007.

Uma das passagens mais marcantes da obra demonstra o ato de uma mãe no auge da fome e do delírio em meio à situação desesperadora em que se encontrava, mata o seu filho para servi-lo de alimento aos demais que pereciam lentamente. Repare na forma sombria e chocante com que o autor descreve tal situação:

Ardia vivo, no meio do compartimento da casa, o qual devia ter sido a cozinha, um grande brasido sobre o qual chiava um pedaço de carne. De costas para ele acorada defronte do cadáver nu de um menino, a mulher, munida de uma pequena faca, descarnava-lhe uma das coxas cortando com a frieza de um carniceiro as carnes de um boi. (PATROCÍNIO, José do. *Os Retirantes vol. 2*, 1973, p. 122)

No decorrer do livro, há outros exemplos da crueldade que os humanos podem ser capazes de cometer dentro de uma situação de completo desespero. O autor demonstra que nessas situações o ser humano praticamente se equipara a um animal, apenas respirando com a esperança de poder reviver e retornar à consciência, cometendo atos irracionais e indignos.

Os retirantes que se aglomeravam em Fortaleza (destino adotado por eles tanto no romance quanto nas crônicas) se aglomeravam em fétidos abarracamentos improvisados pelo Governo provincial para que fosse mais fácil o controle dos que morriam à míngua e para a distribuição dos donativos. Vivia-se um estado de completo descaso para esses viajantes. Os comissários não tinham condições de exercer suas atividades da forma necessária para ajudar a sanar os problemas que apenas aumentavam a cada hora. Essa quantidade toda de pessoas se amontoava em praças, escadaria das igrejas, nas praias ou em qualquer outro lugar que pudessem ficar à sombra do sol escaldante que fazia na capital cearense.

Sob a luz mortiça de semelhante tarde recolhiam-se ao abarracamento os trabalhadores, os miseráveis que debaixo da soalheira do meio-dia, queimando os

pés no areal ardente, torturando-se com as gritas e as ameaças dos inspetores, tinham ido conquistar uma ração minguada para a mulher e os filhos andrajosos. (PATROCÍNIO, José do. *Os Retirantes vol. 2*, 1973, p. 253)

Em seus últimos relatos durante a sua estada na cidade, Patrocínio aproveita para fazer duras críticas ao sistema de distribuição dos socorros aos retirantes. Tais críticas são publicadas na *Gazeta de Notícias* quando regressa ao Rio de Janeiro.

A escolha da hora para a distribuição, durante a qual as mulheres devem ficar sentadas na praça dos voluntários, expostas ao sol que queima como um cáustico é bastante para caracterizar os sentimentos piedosos do comissário. A arborização da praça de forma alguma evita o calor insuportável, de maneira que a insolação prolongada causa febres fatais. Em geral as horas da distribuição dos socorros são mal escolhidas por todos os comissários, porém, tratam de atenuar os inconvenientes construindo latadas que ensombram o local. O comandante da polícia não é, porém homem para essas coisas de sombra para a canalha. (PATROCÍNIO, José do. *Abarracamentos e pegadorias dos retirantes na Fortaleza*, 1878)

José do Patrocínio exprime de forma singular tanto nas suas crônicas acerca da viagem quanto no próprio romance o intelecto do povo cearense em meio à dura realidade que passava. Com isso, *Os Retirantes* foi considerado como a primeira obra de caráter regionalista da literatura brasileira, justamente pela forma como o autor interpreta e retrata a vida de uma específica região do Brasil em meio ao flagelo e ao caos que se alastrava entre seus habitantes. O retrato dos hábitos e da forma de falar locais justificam tal consideração. Por toda a obra é possível identificar tais características:

“Todas elas traziam trouxas à cabeça, mas, ao contrário da maioria dos retirantes, não vinham imundas e repelentes”.¹⁰

¹⁰ PATROCÍNIO, José do. *Os Retirantes vol. 2*, 1973, p. 33

“- É filha da cidade ou do sertão?”.¹¹

“A seca ainda não tinha dado senão os primeiros passos, e já ele, agoureiro como as corujas, pregava apontando-a como um castigo sem esperança de perdão”.¹²

A corrente Regionalista da literatura brasileira foi, sem dúvidas, uma fonte de intensa criação no que diz respeito ao retrato, sobretudo dos pobres habitantes do Norte do Brasil. Com suas peculiaridades de comportamento e as adversidades climáticas da região, o povo nordestino serviu de inspiração para diversos autores de diferentes épocas, podemos citar a obra *Vidas Secas*, escrita pelo alagoano Graciliano Ramos que também retrata a dura vida dos retirantes, Rachel de Queiroz em *Memorial de Maria Moura*, entre outras obras de grande valia para a consolidação da identidade do sertanejo e para a representação do cotidiano vivido por esse povo. Estas duas obras citadas, juntamente com *Os Retirantes*, possuem diversas particularidades na forma como se conduz a narrativa e como a trama se desenrola. Ricardo Japiassu faz uma excelente análise acerca delas:

Num dos apontamentos de viagem, José do Patrocínio escreveu: ‘Algumas famílias conduzem, atados por uma corda ao pescoço, magros cães que lhes devem servir de alimento em ocasião extrema’. Ora, no romance *Vidas Secas*, Graciliano Ramos retrata quase que o mesmo quadro, quando família de retirantes mata o papagaio para se alimentar. Quanto a Rachel de Queiroz, a intertextualidade se realiza, sobretudo, com o *Memorial de Maria Moura*, quando a autora apresenta o Sertão cearense sem lei, entregue ao banditismo. Neste caso, a personagem principal, Maria Moura, lembra o cangaceiro Virgulino, chefe do bando dos Viriatos, transfigurado à pena por José do Patrocínio. (JAPIASSU, Ricardo. *Os Retirantes: precursor do Regionalismo*, 2009)

¹¹Idem, *Ibidem*, p. 202

¹²Idem, *Ibidem*, p. 91

Pode-se concluir que *Os Retirantes* deu origem ao Regionalismo em face ao conteúdo que abordou, o cotidiano de uma região em meio a uma calamidade, e a época em que foi escrito. Pode ser considerado como o pioneiro. Sem dúvida, José do Patrocínio foi impecável ao criar, a partir das experiências que absorveu durante a sua viagem, uma rica obra capaz de intrigar e de tomar a atenção do público até os dias de hoje. É notável o reconhecimento de obra inovadora na forma de escrita e da condução da trama, não podendo ser comparada com nada anterior a ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CARDOSO, José Romero Araújo. *Cento e trinta anos do início da grande seca de 1877-1879*, 2007.
1. CARVALHO, José Murilo de. *Com o coração nos lábios*, Rio de Janeiro, 1996.
2. CASTRO NEVES, Francisco de. *A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará*, Niterói, 2007. RIOS, Kênia. *A seca de 1877 e a identidade cearense*, Suplemento Literário de *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 06/11/2006.
3. LINDEN, Eugene. *The Global Famine of 1877 and 1899*, Suplemento Literário de *The Globalist*, Washington, EUA, 06/11/2006.
4. JAPIASSU, Ricardo. *Os Retirantes: precursor do Regionalismo*, 2009.
5. MORAIS, Rogério. *SUDENE: a serviço das oligarquias*. Suplemento Literário de *A Nova Democracia*, Rio de Janeiro, nº 8, 04/2003.
6. PATROCÍNIO, José do. *Os Retirantes vols. 1 & 2*, 1973.
7. PATROCÍNIO, José do. *Viagem ao Norte*, 1878.
8. SCHWARCZ, Lilia Moritz, *As Barbas do Imperador*, São Paulo, 1998.